

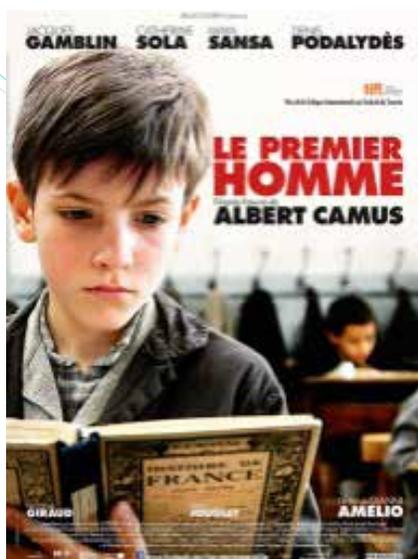
*Le Premier Homme*, um filme de Gianni Amelio. Com Jacques Gamblin, Catherine Sola, Maya Sansa, Nino Jouglet. Drama 98 min. Itália, França, Argélia, 2011.

## O ALBERT EM JACQUES

UMA RECONSTRUÇÃO CINEMATOGRÁFICA

Danielle Camara<sup>1</sup>

Samuel Mariano<sup>2</sup>



Fonte

Inspirado no livro de Albert Camus, o filme *Le Premier Homme* do diretor italiano Gianni Amelio, resgata as principais imagens presentes na ficção autobiográfica de Camus: a busca pela imagem do pai morto na Guerra, as memórias da infância pobre na Argélia, o silêncio da mãe analfabeta e semissurda, a figura autoritária da avó e a presença incentivadora do professor de liceu Louis Germain, que no filme é tratado por M. Bernard. O filme, que foi lançado em abril de 2011, dois anos antes do centenário do escritor, deixa visível a permanência da obra em que o escritor trabalhava antes de sofrer um acidente de carro em 1960, que resultaria em sua morte.

O tema da morte e sua irreversibilidade é bastante presente na narrativa do filme, cuja primeira cena exhibe a visita de Jacques Cormery ao túmulo de seu pai, apresentando uma imagem desfocada, a procura por um nome e os contornos da presença daqueles que estão ausentes. Jacques permanece imóvel no meio de um vazio simbólico,

composto por centenas de cruzeiros que se contrapõem à bandeira da França ao fundo, oscilante ao vento. Presente em segundo plano, a Guerra ocasionará grandes influências na vida dos personagens, tanto pela morte do pai de Jacques, quanto pela Guerra de Independência da Argélia.

O retorno de Jacques ao país em que nasceu delineia um traçado que aproxima a busca do pai e a memória da infância. É curioso notar a sutileza da técnica utilizada pelo diretor para conduzir à primeira cena de lembranças da infância: deitado na mesma cama em que passava a sesta com a avó, Jacques apresenta um olhar distante, como se estivesse relembando justamente aqueles momentos em que ele fugia para brincar com os amigos na rua, enquanto sua avó dormia. Deste olhar distante, somos direcionados a uma sobreposição instantânea de cenas, em que, após alguns segundos, quem está deitado na cama é o Jacques menino.

Deste retorno, iniciam-se sequências de recordações de infância, como as palavras marcantes da avó quando resolvia castigar as atitudes erradas de seus filhos ou netos: “Entre. Ferme la porte. Avance”. Há uma elaboração de imagens que, de maneira sutil, simbolizam processos de crescimento essenciais da vida de Jacques – por exemplo, na cena em que o tio lhe oferece um cigarro para celebrar sua “passagem para a vida

<sup>1</sup> Graduanda em Letras - Francês/Português. Atualmente participa do grupo de pesquisa Criação e Crítica e desenvolve Iniciação Científica sobre a crítica cinematográfica na revista *Les Temps Modernes*. E-mail: [danielle.camara.silva@usp.br](mailto:danielle.camara.silva@usp.br).

<sup>2</sup> Graduando em Letras - Francês/Português. Atualmente é integrante do grupo Criação e Crítica e desenvolve projeto de TGI sobre o livro *A queda*, do autor Albert Camus. E-mail: [samuelmariano@gmail.com](mailto:samuelmariano@gmail.com).

de homem adulto”, ao mesmo tempo em que os adultos discutem seu futuro na sala ao lado. Anos depois, já adulto, Jacques e seu tio voltam a fumar juntos, e essa recorrência dá um toque de *eterno retorno* à narrativa, mostrando uma grande cumplicidade entre os dois, mas com uma mudança completa de perspectiva: ambos adultos, compartilhando cigarros enquanto o tio dá sua opinião sobre os livros de Jacques e a guerra.

Demonstrando a importância que o professor de liceu teve na formação intelectual de Jacques, o resgate do presente é dado pela mesma sobreposição instantânea de cenas utilizada para retomar os episódios da infância: em um momento, vemos o Jacques criança subindo as escadas em direção ao apartamento de M. Bernard, e logo em seguida, quando a porta é aberta, vemos o Jacques adulto. O subir de escadas metaforiza a possibilidade que o conhecimento adquirido no liceu dá ao personagem de ser alguém de importância para seu país, de representatividade para o pensamento político e engajado de uma Argélia em guerra. A relação fica explícita na leitura da dedicatória que Jacques escreveu para o professor em seu livro: “Sans vous, sans cette main que vous avez affectueusement tendue à l’enfant pauvre que j’étais, sans votre enseignement et votre exemple, rien de tout cela n’aurait existé”. Somos conduzidos a pensar que sem o direcionamento do professor e com os desejos da avó, Jacques provavelmente estaria trabalhando em uma fábrica, como seu tio, e não pensando em uma forma de transformar a relação existente entre seu país e a França.

É curioso o foco com o qual a câmera aborda as expressões faciais de Jacques quando lhe é perguntado algo de cunho filosófico que tenha relação com seus livros, ou mesmo quando o próprio Jacques tenta retirar da mãe ou de outras pessoas alguma informação válida sobre a existência de seu pai. Em situações nas quais ele fica em silêncio, na espera ansiosa ou na elaboração silenciosa de uma resposta, o seu olhar sereno é evidenciado, tão pacífico, tão longe da violência que acaba parecendo frio e distante; frio pela sua preocupação em pacificar qualquer conflito e distante de uma Argélia à qual ele sempre retorna procurando realizar algo de construtivo. A angústia comedida no olhar de Jacques perpassa o filme todo, despertando uma sensação de curiosidade no espectador por não poder decifrar os conflitos em ebulição por trás daqueles olhos.

Há uma constante preocupação em humanizar a figura de Cormery, explicitando na narrativa de Camus a posição do próprio autor dentro da história; com diversas cenas mostrando Jacques mais novo, intercaladas a cenas nas quais Jacques já é um escritor de sucesso, o diretor reforça a possibilidade de tudo aquilo se tratar da vida real do escritor argelino. Articulando a ficção com a história propriamente dita, ele realiza uma biografia cuja perspectiva autoral é mais densa que no romance inacabado. Se neste, Camus já se referia a si mesmo em terceira pessoa, utilizando um nome diferente do seu, aqui o diretor do filme exterioriza ainda mais o foco dramático de modo a misturar as duas pontas: o autor, Albert, e o herói, Jacques. É devolvido, assim, o caráter biográfico daquelas cenas da infância ensolarada em Argel, por uma cinematografia que preenche as lacunas esquecidas do texto.

O fato de o escritor que retorna à cidade natal ter se tornado uma figura pública renomada é sempre reiterada pelo filme, seja em cenas nas quais seus conterrâneos opinam sobre seus livros, seja na relação com a própria mãe – uma senhora humilde, analfabeta e de natureza pouco comunicativa. Mesmo não tendo lido os romances de seu filho, o filme expressa com grande sensibilidade a importância que o sucesso do filho tem em seu inconsciente; um exemplo é a cena na qual ela vê uma manchete de jornal a respeito de Jacques, e se esforça para escrever em um papel seu sobrenome: CORMERY. Colocando em sinais gráficos o nome do filho cujos livros ela não foi capaz de ler, ela devolve um significado oficial para o vazio de sua vida humilde; é seu modo secreto e inconsciente de circunscrever seu próprio legado dentro da história, executando a mesma tarefa pela qual o filho é conhecido mundo a fora: a escrita.

Do manuscrito não terminado por Camus, Gianni Amelio realiza um traçado sublime entre o real e o fictício: da ausência do filho na mesa de jantar contrastando com o olhar vago da mãe pela janela que se fecha, somos conduzidos a considerar a razão pela qual o livro não foi terminado, e misturamos o plano do real e fictício ao pensar em Jacques como o próprio Camus. A solidão, o silêncio, a falta de palavras e a expressão vazia da mãe na mesa se opõem às fotografias atrás dela, que carregam o mesmo significado dos túmulos no início do filme: uma presença ausente de quem não está mais aqui, mas que marca a continuidade de sua existência na vida de outros com o vazio deixado para trás ao partir.

RESENHA RECEBIDA EM: 31 jan. 2013.

RESENHA ACEITA EM: 20 abr. 2013.

REFERÊNCIA ELETRÔNICA: CAMARA, Danielle; MARIANO, Samuel. O Albert em Jacques: uma reconstrução cinematográfica. *Revista Criação & Crítica*, n. 10, p. 132-134, maio 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em dd mmm aaaa.